

Um homem nunca é tão vulnerável como quando se entrega a uma mulher.

Eloisa James

Uma PROPOSTA
ARRISCADA

MILHÕES
DE LIVROS
VENDIDOS
EM TODO O
MUNDO

TOP
SEL
LER

*Este livro é dedicado ao meu cunhado Sunil,
cuja coragem perante o cancro é verdadeiramente heroica.*

Capítulo 1

Castelo de Lindow, Cheshire

Residência de campo do duque de Lindow

4 de junho de 1780

A menina Lavinia Gray considerava-se uma mulher razoavelmente corajosa. Nos seus 21 anos de vida fora apresentada, sem perder a compostura, a duas rainhas, uma inglesa e uma francesa. Guinchara, mas não gritara, após um encontro com um urso extraordinariamente grande. Talvez «urso» fosse um exagero. Também se poderia chamar-lhe «cão», mas um cão que saltara das sombras com enormes presas, semelhantes às dos ursos. Gritar teria sido apropriado. Uma outra vez, atravessara um lago que se dizia ser habitado por sanguessugas. Estremecera, mas aguentara-se firme sempre que algo mole lhe embatia nas pernas.

Porém, isto? Aguardar num corredor à porta do quarto de um cavaleiro?

Era um nível completamente novo de desconforto. Preferiria ter de nadar num lago cheio de sanguessugas, com água até ao pescoço, do que bater à porta diante de si.

O mais irónico é que ela já reconfortara muitos jovens cavaleiros que, de joelhos, lhe haviam proposto casamento; compreendia

agora que deveria ter sido ainda mais bondosa. Reunir coragem para fazer um pedido de casamento era algo assustador.

E era isso que ela estava prestes a fazer.

Uma proposta de casamento.

Um grito silencioso percorreu-a. *Como raio me meti nisto?!*

Tentou livrar-se desses pensamentos inúteis e ganhar coragem. Geralmente, considerava os vestidos uma armadura formidável, úteis para conferir coragem, mas nem um dos seus melhores vestidos parisienses estava a ajudá-la. A seda cor de champanhe colava-se-lhe ao corpo, alargando depois em folhos rendados junto à bainha; modestamente acolchoado nas ancas, realçava-lhe o contorno dos seios e fazia com que a sua cintura parecesse mais fina.

Em condições normais, ter-se-ia sentido invulnerável dentro dele, mas, naquele momento, sentia-se apenas assustadoramente tímida.

O problema era que Parth Sterling nunca dera qualquer sinal de se sentir atraído pela sua figura — nem, para dizer a verdade, por qualquer outra parte dela. Ainda na noite anterior, entrara no salão, fizera-lhe um aceno e avançara rapidamente para o lado oposto da divisão.

Quando não a via há *dois anos*.

Venha o lago das sanguessugas.

«Não tens escolha», insistira veementemente a sua prima Diana, há menos de dez minutos. «Tens de casar com o Parth. Ele é o único que pode salvar a tua mãe.»

Lavinia respirou fundo e obrigou-se a permanecer ali, em vez de desatar a fugir pelo corredor fora. Cerrou os punhos ao lado do corpo, comprimiu os lábios e deu mais um passo em direção à porta. A sua mãe, Lady Gray, precisava de ser salva, e não seria um cavalheiro trivial que o conseguiria.

Precisava de Parth, não por ser o solteiro mais rico do reino, mas porque... bem, ele conseguia que as coisas fossem feitas. Consertava as coisas. Problemas de toda a espécie.

O pensamento fê-la endireitar as costas e, antes que pudesse mudar de ideias, bateu à porta. E aguardou.

Uma desfalecida sensação de alívio abateu-se sobre si quando ninguém abriu.

Voltaria para junto de Diana e contar-lhe-ia que Parth Sterling, inexplicavelmente, não se encontrava no seu quarto a aguardar uma proposta de casamento.

Ele estava...

Ele estava do outro lado da porta, agora aberta, a fitá-la, ali parada, no corredor escuro.

— Lavinia?

Ela conseguiu esboçar-lhe um sorriso vacilante.

— Olá!

— Céus! — troou ele, olhando para ambos os lados do corredor. — Que diabo faz aqui? — Sem lhe dar oportunidade para responder, segurou-a pelo cotovelo, puxou-a para dentro do quarto e fechou a porta.

Antes, ao falar com Diana, tudo fizera sentido, de uma maneira um tanto insana: Parth era rico, Parth era solteiro e Parth resolvia problemas. Mas ali, cara a cara com ele? Mais alto do que a maioria dos homens, mais largo de peito, com cabelo espesso, pele como bronze, olhos escuros... e aquela barba! Ao contrário dos outros cavalheiros que Lavinia conhecia, usava uma barba curta e bem aparada que parecia pertencer a uma peça de Shakespeare ou à corte de Henrique VIII. Parecia um rei.

— Encontro-me em apuros — disse Lavinia, as palavras a tropeçarem umas nas outras. — Bem, mais do que estar em apuros, tenho um problema. Sim, «problema» é a palavra correta. — Normalmente, não tinha dificuldades com o discurso, mas agora parecia que as frases se digladiavam na sua cabeça.

— Deve ser um problema terrível, para a trazer à minha porta. — A voz dele não era exatamente fria, mas ela detetou uma

distinta pontinha de ironia. Oh, santo Deus, estava a pagar pelo que fizera no passado.

— Costumava chamar-lhe «Terrível Parth» — disse ela, clareando a garganta. — Era só uma brincadeira, e peço desculpa.

— Claro, uma brincadeira — assentiu ele, num tom de voz indiferente. — Adiante. Porque está aqui, menina Gray?

— Dantes chamava-me Lavinia. Na verdade, ainda há alguns segundos o fez.

— Há alguns segundos encontrava-me em estado de choque por encontrar uma senhora à porta do meu quarto. Parece-me que fomos ambos culpados de falta de decoro.

Bem, aquilo era duro. Lavinia entrelaçou os dedos, tentando encontrar uma forma de abordar o tema do casamento. Que desastre! Devia ir-se embora. Disse a si mesma, muito firmemente, para se ir embora, mas os seus pés pareciam ter criado raízes no tapete.

Parth ergueu uma sobrancelha.

— Então? — disse, quando lhe pareceu que ela permanecia calada há demasiado tempo. — O que posso fazer por si, menina Gray? — Sem pensar duas vezes, ela fitou-o. Sim, ela provocara-o, mas não acreditava que ele a odiasse. — Lavinia — corrigiu ele, com um olhar menos duro. — Isto foi rude da minha parte, pois vejo que está claramente *in extremis*. Como posso ajudá-la?

O mais humilhante era o facto de o coração dela bater mais depressa só de olhar para ele. Já para não dizer que ele era monstruosamente arrogante e daria um marido horrível. Desde que o vira pela primeira vez, dois verões antes, ele provocara qualquer coisa nela. Irritara-a. Enfurecera-a. Intrigara-a. Isso era ainda mais odioso, pois ele deixara claro, desde que a conhecera, que a achava trivial, tola e intelectualmente inferior.

Como permitira que Diana a persuadissem a levar aquilo a cabo? Pigarreou.

— Estava aqui a pensar se terá feito alguns planos de casamento. — Ele ficou imóvel. — Porque — prosseguiu ela, incentivada pela terrível narrativa que concebera com Diana — eu estou... eu estou... — Não conseguia avançar. Tentou de novo. — Pensei, simplesmente...

— Está a oferecer-se para casar comigo? — A voz dele era rouca. — Caramba, Lavinia, está a propor-me casamento?!

— Mais ou menos — admitiu ela.

Ela imaginara surpresa, ou uma rejeição imediata. Não imaginara... piedade. Porém, foi piedade que viu nos olhos negros de Parth, e uma onda de humilhação provocou-lhe um nó no estômago. Instintivamente, afastou o olhar e avistou o reflexo de ambos num espelho pendurado na parede.

Lavinia parecia a mesma de há duas horas, antes de a mãe lhe ter revelado a verdade acerca das suas finanças. O seu cabelo denso era da cor de moedas de guinéu novas; os olhos azuis estavam emoldurados por pestanas luxuriantes que ela, religiosamente, escurecia. Uma figura voluptuosa e lábios que não se dava ao trabalho de colorir porque a sua aparência já estava no limite da respeitabilidade.

Isso mostrava o quanto o aspeto exterior podia ser enganador, pois ela já não era essa Lavinia de há duas horas. Para começar, já não era respeitável. Um riso histérico ergueu-se-lhe no peito ao pensar nisso. A menina Lavinia Gray, filha de Lady Gray, uma herdeira cortejada de ambos os lados do Canal, já não era...

Respeitável.

Nem herdeira.

Ainda desejável, talvez. Mas pobre. Mais do que pobre.

Voltou a olhar para Parth, apercebendo-se de que ele não usava casaco, só uma camisa branca de linho cujas mangas arregaçara, revelando os braços poderosos. Não tinha peruca, nem casaco. Baixou o olhar. Nem botas.

— Não somos do mesmo mundo — comentou ele, detetando-lhe o olhar, embora sem o compreender. — A Lavinia não quer casar comigo. Não sei como é que isso lhe passou pela cabeça.

Do nada, ela foi arrebatada por um laivo de teimosia cega.

— Importa-se de... Poderia dizer-me que razões tem para me recusar?

Ele fitou-a, incrédulo.

— Lavinia, sente-se bem?

— Nem por isso — respondeu ela, num ataque de honestidade. — Talvez por nunca ter feito isto antes. — Sentia-se confiante junto dos homens que a cortejavam; as atenções de que era alvo confirmavam que a consideravam desejável. No entanto, algo em Parth fazia-a sentir-se insegura e defensiva. Ao mesmo tempo, tudo em si ganhou vida. — Presumo que a sua resposta seja «não» — acrescentou.

— A minha resposta é, de facto, «não» — respondeu Parth.

O seu tom não era indelicado, mas não deixava dúvidas. Pôs-se atrás de uma cadeira, como se quisesse colocar um obstáculo entre ambos, como se Lavinia fosse um cão selvagem prestes a atacá-lo.

Não era assim que as coisas deviam ter corrido.

Diana acreditara que Parth aceitaria, e fartara-se de conjeturar acerca de como ele se apaixonaria por Lavinia depois do casamento.

Com um arrepio angustiado, Lavinia apercebeu-se de que alinhara no plano porque este envolvia Parth. Que era precisamente o género de homem que nunca aceitaria uma noiva que não tivesse sido escolhida por ele. Ainda menos uma de que não gostasse. Parth seria o último homem do mundo a querer que casassem com ele pelo seu dinheiro. Não usava joias vistosas nos botões, nem viajava numa carruagem debruada a ouro.

Que tola fora!

— Lavinia, há alguma coisa que eu possa...

— Não, absolutamente nada — respondeu ela com vivacidade, virando-se para a porta. — Não faço ideia porque me ocorreu tamanha estupidez.

Ele pôs-se diante dela.

— Porque é que lhe ocorreu?

Ela não podia contar-lhe acerca do dinheiro e das esmeraldas, nem de como Lady Gray acabaria na prisão de Newgate se ela não conseguisse resolver os sarilhos em que a mãe se metera.

— Tive uma longa paixoneta — disse ela, as palavras a saírem-lhe da boca antes de as conseguir deter. — Não julga que dou alcunhas a todos os homens, pois não?

— O quê?

Ela viu os músculos dele a ficarem tensos sob o linho liso da camisa. Era algo...

— Estou a brincar! — exclamou. — Devo voltar para o meu quarto. Certamente não quer que eu seja apanhada aqui. Posso garantir-lhe, Parth, que sou capaz de pedir um cavalheiro em casamento, mas nunca comprometeria nenhum.

Ele sacudiu uma mão e segurou-lhe o braço.

— Não sou o primeiro que pede em casamento? — A pergunta parecia um gemido.

— Na verdade, é — respondeu ela. Depois, com uma bravata imprudente, acrescentou: — Mas agora que, por assim dizer, quebrei o gelo, quem sabe aonde irei parar?

Parth abanou a cabeça.

— Quando saiu de Inglaterra, era a senhora mais desejável do mercado de casamento. Não tem necessidade de cortejar um homem, Lavinia.

— Os tempos mudam — retorquiu ela com leveza.

Ele fitou-a dos pés à cabeça.

— Não, não mudam. Parece... — Depois observou-a mais atentamente. — Espere. Estou a perceber.

— Sim?

Ela libertou o braço da mão dele e começou a dirigir-se para a porta. Porque dera ouvidos a Diana? Toda a gente sabia que a prima tinha tendência para ideias malucas. Bastava ver como fugira da sua própria festa de noivado, sem mais do que uma caixa de chapéus, e, mais tarde, se tornara preceptora na casa do noivo que rejeitara.

Parth deu um passo na sua direção, sem desviar o olhar.

— Não é o fim do mundo, Lavinia.

O coração dela afundou-se. Ele sabia. Era proprietário de um banco, pelo amor de Deus! O ressentimento desceu-lhe pela espinha. Se ele sabia que o seu dote estava perdido, não poderia ter dito alguma coisa?

— O Parth sabe? — perguntou ela, aturdida.

— Imagino.

— Oh. — A palavra era pequena e envergonhada.

— Juro que o irei encontrar — disse Parth, numa voz baixa e feroz. — E matá-lo.

— O quê?!

— O pai do seu filho. — As grandes mãos de Parth fecharam-se nos ombros de Lavinia. — Diga-me o nome dele. — O olhar descaiu-lhe para o peito dela, avaliou-lhe o tamanho dos seios e desceu até às ancas. — Está de três ou quatro meses, presumo.

Lavinia abriu a boca e voltou a fechá-la. Já fora humilhada antes, mas aquilo...

— Acredita que o enganaria assim? — As palavras saíram entrecortadas e dolorosas. — Sei que não gosta de mim, Parth, mas acha-me capaz disso? De... de lhe pedir que casasse comigo para esconder o facto de estar grávida de outro homem? — Os olhos dele tornaram-se inexpressivos e as mãos descaíram. — Acha que sou... que era... que seria... — A garganta doía-lhe tanto que mal conseguia falar.

Lavinia sabia que Parth não gostava dela, mas não imaginara que a julgasse perdida. Ou, pior, falaciosa. Foi a partir desse momento que, em retrospectiva, decidiu considerar-se corajosa. Porque não chorou nem gritou. Recolheu a réstia da sua coragem e empertigou-se. Talvez até lhe tivesse dirigido um sorriso polido.

— Peço desculpa, Parth. Perdão, queria dizer Sr. Sterling. Vim até ao seu quarto e embarcei-nos a ambos sem qualquer razão válida.

Contornou-o e fugiu, encontrando, estranhamente, disciplina suficiente para fechar a porta em silêncio atrás de si.

Capítulo 2

Estábulos do castelo de Lindow

Uma hora depois

— **A** Elisa é uma condessa — disse Parth a North, ou melhor, Lorde Roland Northbridge Wilde, o herdeiro do ducado de Lindow e o seu melhor amigo desde a infância.

Parth montava *Blue*, um enorme cavalo castanho cuja atitude birrenta andava a dar problemas a North. Este encostou-se à cerca que rodeava um dos muitos picadeiros de exercício e soltou uma gargalhada.

— Disseste uma centena de vezes que não fazias tenção de te casar e que, em particular, nunca casarias com uma *lady*. Disseste-me, após a minha desastrosa festa de noivado, que nunca darias a uma mulher a hipótese de te rejeitar. E, no entanto, aqui estás tu, a pensar casar com uma nobre?

Parth descreveu outro círculo apertado com o cavalo.

— A Elisa é diferente. Para começar, é italiana.

Mantendo-se estável na sela, com as rédeas firmes, guiou desatramente o cavalo em volta do cercado. Fora esta atividade que lhe fortalecera os músculos dos braços, levando o seu alfaiate e o

seu valete ao desespero. Parth não se importava. Não havia nada melhor do que a alegria de opor a sua força contra a de um animal magnífico como *Blue*.

— Como é que a conheceste? — perguntou North.

As orelhas de *Blue* tremiam, denunciando revolta, mas Parth não perdia o assento desde menino, e não ia perdê-lo agora.

— Tornei-me amigo do seu falecido marido, em Florença. Ele era conde, mas menos inútil do que a maioria dos nobres. Morreu há mais de um ano.

Blue tentou sacudir a cabeça e mover lateralmente a garupa, uma demonstração de mau feitio que atirara ao chão uma dezena de cavaleiros desde que North o comprara.

— Não sabia que andavas à procura de mulher — comentou North. — Recusas-te sempre a acompanhar-me aos bailes.

— Não tenho título nem sou bonito como tu. Ou como eras dantes — retorquiu Parth por cima do ombro, pois *Blue* estava a rebelar-se verdadeiramente, empinando-se para mostrar o seu aborrecimento e escoiceando para que o seu cavaleiro lhe cedesse o controlo.

— Ir para a guerra muda um homem — disse North, encolhendo os ombros.

Antes de Diana, a sua futura mulher, ter fugido da festa de noivado, dois anos antes, North era um dos cavaleiros mais elegantes de toda a Inglaterra, raramente visto sem uma peruca imaculada ou um casaco bordado. As suas roupas eram superlativas, e usava sapatos com tacões vermelhos e meias de seda.

Agora envergava uma simples camisa branca, desfiada nos punhos, de onde, provavelmente, teriam sido arrancadas as rendas. Não se lhe via qualquer peruca e a sua pele estava bronzeada pelo sol. Passara a manhã a trabalhar com os seus cavalos e tinha uma mancha de lama na face, onde antes ostentara um belo sinal pintado.

Vê-lo agora dava uma profunda satisfação a Parth. Na sua mocidade, North nunca se aperaltara; esse era o papel de Horatius, o falecido irmão mais velho de North, grande apreciador da indumentária ducal. Horatius, quase sempre de aparência e modos impecáveis — exceto quando estava bêbado, como na noite da sua morte.

— Parto então do princípio de que a condessa não está interessada na tua fortuna — comentou North. — Isso é importante.

Parth assentiu com a cabeça. O sucesso do Banco Sterling lançara-o para a ribalta da alta sociedade. As jovens bem-nascidas tinham-se revelado febrilmente ansiosas por casar com um homem cuja fortuna privada se encontrava no topo nacional.

Franziu o sobrolho. Tendo descartado uma possível gravidez, não conseguia pensar num problema que pudesse ter conduzido Lavinia aos seus braços. Dificuldades financeiras? Não fazia sentido. Havia muitos cavalheiros dispostos a casar com ela, com ou sem dote.

Não tencionava contar a North a visita de Lavinia ao seu quarto nessa manhã, muito menos a sua proposta absurda. Não conseguia perceber aquela visita peculiar, mas tencionava descobrir, antes do cair da noite, o que a levava a um tal extremo.

Aquela rapariga frágil com os seus chapéus lascivos e modos desrespeitosos sempre o perturbava, mas agora sentia uma pontada de culpa. Ela surpreendera-o com a sua proposta, e ele não lhe respondera tão bem quanto desejaria.

— Cuidado! — gritou North.

Parth nem lhe respondeu. Sentira a mudança no cavalo: uma tensão na poderosa garupa, um estremeção a percorrer a pelagem brilhante. Abruptamente, o cavalo arqueou o dorso e deu um salto no ar, levantando os quatro cascos do chão, aterrando para repetir a proeza, dando o seu melhor para desalojar o seu cavaleiro. Parth agarrou-se a ele como uma rebarba, desistindo da luta entre

o homem e a besta, respeitando o tremendo poder que *Blue* investia no seu combate para se livrar do incômodo de um homem na sela.

Quando o cavalo finalmente se aquietou, resfolegando com força, a pelagem escurecida pelo suor, Parth inclinou-se para a frente, dizendo:

— Excelente tentativa, *Blue*. Tomara que canalizasses toda essa energia para um melhor fim.

Blue recolheu os beiços, alardeando a sua aversão a essa ideia. Parth fez força, os joelhos a prendê-lo à sela enquanto o cavalo se empinava, tentando todas as acrobacias para se libertar.

Quando voltou ao chão, Parth passou-lhe uma mão reconfortante pelo pescoço poderoso. North continuava encostado à cerca, com os braços sobre a trave de cima.

— Paguei mais de 80 libras por ele, mas valeu a pena. Dará um belo cavalo de caça.

Enquanto *Blue* fazia mais uma tentativa para se libertar, Parth tomou uma decisão.

— Pago-te o dobro — gritou sobre o relinchar enraivecido da sua montada.

North aguardou até *Blue* voltar a pousar os quatro cascos no chão.

— Se o quiseres, é teu. Só o pude comprar porque tu fizeste dinheiro por mim.

— Pagar-te-ei um preço justo.

— Não. Família não cobra a família.

O apelido de Parth era Sterling, mas ele era um Wilde em todos os aspetos que contavam. Os pais haviam-no enviado da Índia para Inglaterra como tutelado do duque de Lindow quando tinha 5 anos, e o duque era o mais próximo que ele tivera de um pai. Horatius, North e Alaric — a primeira família do duque — eram seus irmãos. Caramba, os filhos mais novos do duque também eram seus irmãos! Até a pequena Artemisia, de 2 anos.

— Vou pôr o valor da compra na tua conta — disse Parth. Nem pensar que iria aceitar o *Blue* gratuitamente.

— Nunca te devíamos ter deixado abrir um banco — retorquiu North, saltando por cima da cerca do picadeiro e dirigindo-se para a porta aberta do estábulo, onde parou para gritar: — O poder subiu-te à cabeça.

Parth ignorou-o. Dois anos antes, as suas empresas haviam começado a fazer tanto lucro que tivera dificuldade em reinvesti-lo em empreendimentos sólidos. A segurança de um banco dependia da sua gestão, e ele não gostava de depender da capacidade de outros para avaliar investimentos. O que poderia ser mais seguro do que ter o seu próprio banco? As fortunas dos Wildes, que ele geria desde os 20 anos, foram rapidamente transferidas para o seu banco. Depois disso, a nobreza fizera filas para ali depositar o seu dinheiro. O Banco Sterling não fazia concorrência ao Banco de Inglaterra, mas era, na opinião de Parth, bastante mais sólido e menos arriscado.

Blue resfolegava, os flancos a inchar e a desinchar. Baixou a cabeça. Parth desmontou-o imediatamente. As pestanas incongruentemente longas do cavalo abriram e fecharam, enquanto erguia a cabeça para examinar o homem que conseguira expulsar do seu dorso.

— Caramba, tu és bom! — elogiou North. Voltara com uma manta de cavalo sobre o ombro e estava novamente encostado à cerca.

— É um tipo excelente — disse Parth, afagando *Blue* entre as orelhas. — Vais adicioná-lo ao meu grupo?

Parth possuía uma propriedade a alguns quilómetros do castelo, mas os seus anexos eram dedicados a experiências, não a cavalos. Mantinha no local apenas alguns cavalos de tração. Os restantes — cavalos de caça, um ou dois cavalos de corrida, um potro pelo qual se apaixonara — ficavam nos estábulos de North.

North assentiu com a cabeça, atirando-lhe a manta. Parth apanhou-a com uma mão e enrolou-a no pescoço de *Blue*. Depois olhou o animal nos olhos, com o mesmo respeito que demonstrava por um adversário feroz no mundo financeiro.

— *Blue*. — O cavalo resfolegou, embora com uma entoação incerta. — És meu, *Blue* — disse Parth, afagando-lhe o focinho. *Blue* expirou para a palma da sua mão. — Acabaram-se aquelas birras, que ainda podes magoar alguém.

Caramba, ele já partira o braço de um moço de estrebaria!

Blue emitiu uma espécie de fungadela. Parth acariciou-o sob o queixo. Alguns minutos depois, o animal suspirou e pousou a cabeça no ombro de Parth. Não era rendição. Era compromisso, e estavam ambos cientes disso.

Capítulo 3

Novamente em Lindow

Quarto de dormir da menina Diana Belgrave

— **L**amento imenso! — exclamou Diana, sentando-se ao lado de Lavinia, encolhida num canapé. — Não pensei que o Parth pudesse ser tão rude.

— Não foi — retorquiu Lavinia, num tom insípido. — Limitou-se a recusar. Ficou terrivelmente afetado com a ideia.

— Isso foi uma piada com o «Terrível Parth»? — perguntou a prima, dando-lhe um beijo na face.

— Não, é uma descrição factual da expressão dele. — A voz de Lavinia ficou presa. — Nunca fui tão humilhada na minha vida.

— É tudo culpa minha — disse Diana. — Prometi ao North que ponderaria cuidadosamente antes de pôr em prática ideias precipitadas. Devia ter segurado a língua.

— Não me obrigaste a ir ao quarto dele, Diana — retorquiu Lavinia. — Eu concordei que era uma boa ideia. Fui tão tola! — Cerrou os lábios, tentando conter as lágrimas.

Diana abraçou-a.

— Já não gosto do Parth. Talvez o ignore durante o chá.

— Ele não tem culpa de não querer casar comigo.

— Como não?! Tu serias a mulher perfeita para ele. E, francamente, pensei que fosse demasiado cavalheiro para recusar — admitiu ela.

— As pessoas raramente são aquilo que parecem — comentou Lavinia, entre soluços. — Quem diria que a minha mãe seria capaz de te roubar as esmeraldas? Ninguém poderia supor que a Lady Gray fosse uma ladra, mas é isso que ela é.

— Não consegues conceber a tua mãe como um Robin dos Bosques de saias?

Talvez por estar no bom caminho para casar com um futuro duque, Diana parecia alegremente intocada pela revelação de que a tia lhe roubara o conjunto de esmeraldas, vendera o colar e o diadema em Paris e vivera da sua receita ilícita desde então.

— Devias estar zangada — replicou Lavinia, num tom abatido. — A tua mãe culpou-te pela perda dessas joias, caso não te lembres. E ainda comparas a minha mãe ao Robin dos Bosques, que roubava aos ricos para dar aos pobres?

Diana riu-se.

— Vocês são pobres. Não estou zangada; amo-te, e a culpa não é tua. Foi a Lady Gray, e não tu, quem roubou. Não te posso condenar pelos erros dela.

— A minha mãe culpa-me. Diz que tive culpa do roubo das tuas esmeraldas, por ter recusado demasiadas propostas de casamento, e que não mereço ter um dote. — Um soluço escapou-se-lhe. — Não sente qualquer arrependimento.

Diana pegou num lenço e limpou as lágrimas de Lavinia.

— O Parth não é o único homem rico do reino. Propor-lhe casamento foi, de facto, uma ideia tola, mas, francamente, há muitos homens que estarão dispostos a ajudar-te sem precisares de te colocar numa situação embaraçosa.

Lavinia conseguiu finalmente que os seus lábios formassem um sorriso.

— Desculpa ser tão desmancha-prazeres. É que... devias ter visto a cara do Parth.

— Não penses mais nisso — respondeu Diana. Levantou-se e ajudou Lavinia a fazer o mesmo. — Temos uma hora antes do chá. Quero que laves a cara e depois te deites com uma compressa fria nos olhos.

— Não posso acompanhar-te — disse Lavinia, estremeçando. — Não consigo encará-lo.

— Consegues, sim. Vais agir como se não se tivesse passado nada entre ambos. — O tom de Diana não admitia mais protestos.

— Disse à minha mãe que temos de regressar a Londres amanhã de manhã. Quando voltar a ver o Parth, já estarei casada — sussurrou Lavinia, com a voz rouca. — Casada e feliz.

— Com um duque — acrescentou Diana, assentindo com a cabeça. — Um duque muito rico. Se eu não fosse casar com o North, ele seria um excelente instrumento de vingança.

Lavinia soltou uma gargalhada chorosa.

— Calculo que não queiras desistir dele.

Diana revirou os cantos da boca.

— Penso que seria difícil convencê-lo.

— Vamos para dentro. Tenho de tomar banho antes do chá — disse North quando um moço de estrebria levou *Blue* para uma boa escovagem e um pouco de farelo quente. — Tens de me falar mais da tua condessa.

Parth riu-se.

— Tu queres lá saber da minha condessa. Queres é ir ter com a tua noiva.

— É verdade — admitiu North, sorrindo.

Parth pôs um braço sobre os ombros do amigo.

— A mulher está apaixonada por ti. Não voltará a fugir.

— A condessa sente o mesmo por ti?

— Ainda não, mas sentirá. Tenciono convidar a Elisa para o baile do vosso casamento. Ela apreciará um baile de máscaras.

North deteve-se.

— Assegura-te primeiro dos seus sentimentos. Não é nada agradável correres para Londres atrás da tua noiva depois de teres sido rejeitado.

— Considerando a extensa coleção que a Elisa possui das gravuras Wilde, ela é capaz de correr atrás de ti — brincou Parth.

North deu uma gargalhada.

— Mesmo que não tivesse conseguido cortejar a Diana, nunca estaria no mercado para uma nobre italiana.

— Enquanto a Diana não tiver a tua aliança no dedo, as senhoras solteiras continuarão a atirar-se a ti. Repara na inesperada chegada da Lavinia Gray e da mãe, com o pretexto de resgatarem a Diana do horror de ser precetora.

Lavinia devia ter ficado devastada ao encontrar North novamente noivo de Diana. Na verdade, por que outra razão teria ela feito aquela proposta de casamento a Parth? Ele fora a solução de recurso depois de North ficar noivo. Havia apenas uma resposta para isso.

Caramba, não! A irritação percorreu-o ao descobrir que estava novamente a pensar em Lavinia.

O problema dela devia estar relacionado com dinheiro. De outra forma, nunca o teria abordado. Ela queria o seu dinheiro, tal como as outras mulheres que se atravessavam no seu caminho. Ele tencionava resolver-lhe os problemas financeiros, mas não casando com ela. Porque não se limitara a pedir-lhe um empréstimo, em vez de o pedir em casamento?

Contra vontade, lembrou-se daquela frase que ela soltara, acerca de ter uma «longa paixoneta» por ele. Não devia estar a falar a sério. E, ainda assim, ela própria parecera ter ficado chocada...

Não.

— Vou trazer a Elisa — disse Parth, decidido. — Achas que a Lavinia e a mãe vão ao casamento?

— Claro que sim. A Lavinia pode ser uma prima afastada, mas as Grays são a única família que a Diana tem, visto que a sua maldita mãe a deserdou. Porque perguntas?

— Aquela mulher não gosta de mim — respondeu Parth, quase certo de que era verdade. — O sentimento é mútuo.

— Porque é que não gostas dela? A Lavinia é divertida, inteligente e notavelmente bonita.

— É superficial como uma poça de água — retorquiu Parth, sentindo-se culpado por ser mais duro do que devia. — Preocupa-se apenas com frivolidades. Lembras-te de quando regressou de Manchester com uma carruagem cheia de chapéus? Só um desses toucados custa mais do que uma criada de quarto ganha num ano. Tenho a certeza de que não foi a primeira vez.

— A Lavinia é uma jovem extremamente bondosa — protestou North. — Veio diretamente de Paris para salvar a Diana das garras do vilão... eu... que a submeteu à servidão.

— Isso foi só uma desculpa. Ela veio para te seduzir. — A voz de Parth era áspera.

— Não, não veio — contradisse North firmemente, acrescentando: — A Lavinia vai ser madrinha da Diana, e eu gostava que fosses o meu padrinho.

— Não compreendo porque não fugiste com ela. Caramba, se a mãe da Diana a deserdou, escusavas de aturar parentes irados. Podiam partir para Gretna Green amanhã.

North abanou a cabeça.

— Desposarei a Diana com pompa e circunstância. O meu pai tenciona convidar metade da alta sociedade para o casamento em Lindow, e quero que todos saibam que amo e respeito a minha mulher, ainda mais pelo tempo que passou como precetora das

crianças. — Era romântico, Parth tinha de o admitir. — Mantereis isto em segredo até os convites serem enviados — continuou North. — Quando os jornais souberem da nossa reconciliação, a Diana será terrivelmente atormentada.

Durante anos, o duque de Lindow e a sua grande e animada família foram alvo de um interminável fascínio, não só na Grã-Bretanha, mas também a um nível considerável no continente: gravuras populares representando cenas das suas vidas, que iam do razoavelmente verdadeiro ao inteiramente fantasioso, circulavam pelo reino e no estrangeiro, e eram avidamente colecionadas, quer por duquesas quer por leiteiras.

As três filhas em idade casadoura do duque, Betsy, Viola e Joan, eram constantemente acusadas de estarem apaixonadas por homens que nunca haviam visto. Leonidas e Spartacus, por seu turno, eram representados a frequentar bordéis. Contudo, sendo North o herdeiro do ducado, era a sua vida amorosa que recebia mais atenção.

A fuga de Diana da sua festa de noivado, dois anos antes, fora material empolgante para os jornais; e, quando se soube que ela servia no castelo como precetora das crianças, o júbilo foi total. As gravuras que representavam Diana como uma serva oprimida por um lorde cruel venderam-se como pãozinhos quentes. A notícia de que North e Diana estavam novamente noivos causaria um frenesi que ofuscaria o escândalo anterior.

— A tua condessa deve vir ao casamento — acrescentou North. — É o prazer da caça, não é? Queres tê-la precisamente porque ela não sucumbiu aos teus encantos.

— Estou habituado a adquirir sempre o melhor. — Parth sorriu. — E gosto de um desafio. O facto de a Elisa não me considerar um potencial marido torna a caça mais agradável.

North desatou a rir.

— O que é que ela te considera, se não um potencial marido?

— Acho que me coloca no grupo dos amigos do marido, que andam pelos 50 anos. O conde era uns 25 anos mais velho do que a mulher.

— Que impressionante: uma mulher que desconsiderou os teus dotes óbvios! Um dia vamos jogar às charadas e arranjarei maneira de fazeres o papel do Rei Henrique VIII, para que a condessa reconheça que és um partido nobre. — Estendeu o braço e coçou o queixo barbudo de Parth. — Já que Henrique VIII via, aparentemente, a sua barba como um símbolo do seu trono.

Os quatro homens — Horatius, Alaric, North e Parth — tinham crescido a troçar uns dos outros, e a gargalhada vinda do âmago de North foi bastante agradável. Com Horatius morto, Alaric e North eram as pessoas mais queridas de Parth.

Atravessaram as últimas filas de árvores que circundavam os estábulos e, depois da curva, o castelo de Lindow estendeu-se diante deles. Ao contrário dos palácios elegantes que Parth vira nas suas visitas ao vale do Loire, Lindow era uma caótica pilha de pedras, construída e reconstruída ao longo de muitos séculos, com novos torreões sobrepostos às torres antigas e os contrafortes e os terraços em desalinho, sem qualquer respeito pelo gosto ou pela razão.

A partir do flanco leste, estendia-se Lindow Moss, o vasto e traiçoeiro pântano de turfa onde Horatius perdera a vida.

A mansão que Parth construía numa terra vizinha era, sob muitos aspetos, o oposto de Lindow. Não fora concebida para exibir força e impenetrabilidade, mas abertura e beleza. Os tetos eram altos e os quartos tinham uma dimensão graciosa. Ele adquirira as mobílias mais requintadas e cobrira as paredes com um valiosíssimo acervo de pinturas italianas. O vento não soprava através dos corredores, nem havia pavões com mau feito a provocarem-se um ao outro durante a noite. As cozinhas eram modernas e os jardins perfumados por flores, em vez de turfa.

Os seus aposentos compunham-se de um quarto de vestir e um de banho, com lavabos em anexo.

Apesar de tudo, ele preferia a sua casa citadina em Londres, ou, quando estava em Cheshire, o quarto da sua juventude.

Porém, os tempos haviam mudado, e ele precisava de os acompanhar. Horatius estava morto. Alaric casara e North não tardaria a fazê-lo. Elisa era calorosa, exuberante e bela. Transformaria a sua casa de campo num lar. Enchê-la-ia de crianças e de risos, tornando-a semelhante ao castelo de Lindow nos aspetos mais importantes.

— Vemo-nos ao chá — disse North por cima do ombro, atravessando rapidamente o pátio.

Parth não respondeu; North partira em busca da sua amada. Tendo já testemunhado várias reuniões do género desde a sua chegada, no dia anterior, Parth sabia que North puxaria Diana para os seus braços e beijá-la-ia loucamente, sem se importar com quem estivesse a ver.

Tentou imaginar sentir-se assim tão apaixonado por uma mulher — e não conseguiu. Elisa era maravilhosa em todos os aspetos, e ele apreciaria a possibilidade de a beijar, mas nunca sucumbiria ao desejo, como North. Não estava na sua natureza.

Uma memória errante impôs-se-lhe: os grandes olhos azuis de Lavinia Gray erguendo-se para ele, no seu quarto. Ele pusera-se atrás de uma cadeira porque uma abrasadora — e totalmente inconveniente — onda de luxúria o dominara.

Um homem que sucumbisse a uma mulher como aquela daria por si com uma esposa sem nada na cabeça além dos seus gastos imprudentes em fitas e rendas. Teria de a encarar à hora do jantar para o resto da vida sem terem assunto algum de conversa.

O desejo acabaria por se desvanecer e o marido de Lavinia acabaria a ouvir dissertações acerca de toucas. Conferências acerca de anáguas.

Nada do que pudesse acontecer no leito marital compensaria isso. As imagens que a sua mente lhe apresentava — de uma Lavinia feliz, corada e satisfeita — desapareceram rapidamente.

O casamento não passava de mais um tipo de transação.

Capítulo 4

Mais tarde, nesse dia

O chá foi servido *al fresco* no Terraço dos Pavões. Lavinia e Diana atravessaram a biblioteca, dirigindo-se para lá. O clamor de vozes indicou-lhes que a família já estava toda reunida.

Detiveram-se por um momento à porta. Parth estava sentado de um lado, a jogar xadrez com Spartacus, o filho de 18 anos do duque. Lavinia virou imediatamente as costas, ignorando a forma como o seu estômago se contraiu ao vê-lo.

Todos os nomes que ela chamara a Parth dois anos antes — «Demoníaco Parth», «Pudico Parth» — lhe ressoaram nos ouvidos. O mundo era dourado quando ela inventara esses nomes tolos, ainda crente de que faria um ótimo casamento. A menina Lavinia Gray seria um benefício para qualquer homem, contribuindo para a união com a sua beleza e fortuna. Parth Sterling era praticamente o único solteiro que olhava com indiferença para ela, e fora isso que a levava a provocá-lo.

Pela primeira vez na vida, sentia-se completamente à deriva. Quem era ela senão uma herdeira com um fraquinho por roupas

bonitas? Com a fortuna perdida, apenas lhe restava a beleza. Isso trouxe-lhe outra revelação dolorosa: o quanto era frívola, tendo dado tanta importância a coisas efêmeras.

O duque e a duquesa, a família e alguns outros convidados estavam sentados em torno de uma grande mesa atravancada de bolos e acespipes. A sua mãe, Lady Gray, não estava à vista.

Diana puxou Lavinia gentilmente na direção da mesa, mas ela continuou pregada ao chão, com outra constatação horrível a abater-se sobre si. Qualquer proposta de casamento que recebesse dissolver-se-ia como fumo no momento em que o seu pretendente soubesse a verdade acerca do seu dote. Como é que a sua mãe imaginara negociações matrimoniais? Julgaria haver algum homem tão apaixonado pela filha que não desse importância a isso?

Lavinia já estava arruinada. Até quando, dois anos antes, provocava Parth. Mesmo quando comprara todos aqueles chapéus que tinham provocado o desdém dele. Ainda mais quando esses malditos chapéus haviam sido pagos porque a sua mãe furtara as joias de Diana, trocando-as por falsificações de vidro, tão sem valor como Lavinia se sentia agora.

A ironia deixava-a doente. Sempre acreditara que a sua fortuna a transformava num diamante, quando, na verdade, não passava de vidro polido.

Parth percebera tudo, obviamente. Não admirava que não a tivesse visto como um diamante, mas sim como um sapo. Um sapo que invadira o seu jardim, se sentara no seu nenúfar e se recusava terminantemente a sair, mas que também não podia ser tocado.

Este era o género de voo de imaginação que faria a sua amiga Willa desatar a rir. Especialmente quando Lavinia salientasse que, se fosse ele o sapo, ela poderia beijá-lo e...

Perdeu o fio ao raciocínio.

Uma sensação estranha invadiu-a, como se ela tivesse de fazer uma *récitation* para a aula de Francês, na escola, mas não se conseguisse lembrar dos versos. Um burburinho soava aos seus ouvidos, e sentiu um latejar enjoativo no estômago.

— Precisas de uma chávena de chá — disse Diana, dando-lhe outro puxão. — Estás pálida.

Lavinia deambulou ao lado da prima. Tomou um lugar vazio ao lado de Lady Knowe, a irmã gémea do duque. Sentia-se como um autêntico autómato, um boneco mecânico. Um boneco que conseguia levar uma chávena de chá aos lábios, virar a cabeça e até mesmo abanar o leque. Bebeu chá. Comeu demasiados queques. Riu-se e conversou com Lady Knowe, Diana e alguns dos descendentes Wilde.

Lavinia gostava particularmente da Wilde mais jovem, Artemisia. Artie era dura e doce, em simultâneo, e Lavinia sentia vagamente que um dia talvez tivesse uma filha como ela.

Após três chávenas de chá, levantou-se e encaminhou-se para a balaustrada, de mão dada com Artie. Tentaram persuadir *Fitzzy*, o pavão mais velho, que governava o relvado sul, a comer pedaços de queque da mão de Artie. Porém, *Fitzzy* ignorou-as. Estava irado, andando de um lado para o outro e chocalhando a cauda em aviso. *Floyd*, o seu arquirrival, invadira novamente o seu território. *Floyd* chegara a Lindow recentemente, e ainda não aprendera a respeitar o mau feitio do pavão mais antigo.

Nesse momento, a ave mais jovem espreitava a poucos metros de distância. Abriu a cauda com um ar de bravata que rapidamente esmoreceu quando *Fitzzy* estendeu uma garra na sua direção.

Pareço eu, a fugir do quarto do Parth, pensou Lavinia.

Artie queria dar o queque rejeitado a *Floyd*, que se retirara para uma distância de segurança do seu agressor, mas Lavinia estava demasiado cansada para perseguir um pavão nervoso pelo relvado, pelo que lhe prometeu que visitariam *Floyd* mais tarde. O ataque de

choro deixara-a exausta. Normalmente, não se permitia chorar, mas que mulher não choraria depois de ser tão humilhada?

O pequeno sobrinho de Diana, Godfrey, estava sentado ao colo do duque e Artie correu para se sentar no outro joelho de Sua Graça. Lavinia regressou ao seu lugar e comeu mais um queque que não queria, a sua mente a disparar em temerosos círculos.

A mãe dela não roubara apenas Diana, mas a sua própria tutelada, Willa. Ao longo dos anos, Lady Gray cobrara à propriedade de Willa todas as suas despesas domésticas.

Outro pensamento horrível assolou-a: e se Lady Gray tivesse roubado outros valores, que Lavinia desconhecesse?

A sua mão tremeu, fazendo a chávena tilintar no pires. Parth e Spartacus tinham terminado o jogo e vieram reunir-se ao grupo. A família ria...

North provocava Parth.

Por fim, ela percebeu qual era o tema da provocação. Parth estava apaixonado. Partiria do castelo de Lindow na manhã seguinte, determinado a obter a mão da senhora. Pretendia trazê-la ao casamento de Diana, com um anel a enfeitar-lhe o dedo.

A informação penetrou no cérebro de Lavinia. Apaixonado. Parth estava apaixonado. Um anel. Noivado. Casamento.

— Caso contrário — ouviu Parth dizer a Spartacus —, ela pode, ao pôr os olhos no Sparky, atirar-me o anel aos pés.

Contra vontade, Lavinia deixou escapar um som abafado dos lábios.

Parth encontrava-se sentado perto da ponta da mesa, rindo-se para North, contestando a ideia de Spartacus de que só uma louca seria capaz de aceitar uma proposta de casamento de Parth. Apenas após o gritinho inadvertido de Lavinia, os seus olhos pou-saram nela.

Ela pigarreou.

— Quem é a felizarda? — perguntou, tentando manter um tom casual. — Não apanhei o início da conversa.

Parth franziu o sobrolho.

— Tia Knowe — disse, em vez de lhe responder —, a menina Gray parece indisposta.

A sério?! Ele não só ignorara a sua questão, como ainda salientava o seu mau ar? Empertigou as costas, indignada.

Lady Knowe era uma mulher alta e forte, praticamente da altura do irmão. Espreitou Lavinia através de um lornhão incrustado de joias; depois baixou-o, provavelmente porque, como confidenciara uma vez, via melhor sem ele.

— Lavinia, minha querida, o Parth tem razão; não está com bom ar. — Pôs-se de pé. — Vamos lá para cima. É melhor levá-la ao seu quarto.

Lavinia levantou-se, obedientemente. O guardanapo caiu-lhe do colo, espalhando migalhas sobre os mosaicos.

Parth ergueu as sobrancelhas.

— Está doente? — perguntou-lhe, interrompendo a conversa geral.

Todas as cabeças do terraço se viraram para a fitar.

— Não tenho nada — respondeu, desviando o olhar. — Apenas não me sinto bem.

Correu para o extremo do terraço um segundo antes de os queques percorrerem o seu caminho de volta ao mundo.

— Com mil raios! — exclamou Lady Knowe, mesmo atrás do seu ombro. Depois berrou pelo mordomo da família. — Prism!

— Argh! — gemeu Artie, antes de a mãe a mandar calar.

De estômago vazio, Lavinia abraçou-se à cintura.

— Por favor, desculpe-me — sussurrou, sentindo a garganta áspera.

Lady Knowe colocou-lhe um guardanapo na mão e Lavinia limpou a boca, reunindo coragem para lançar aos outros um sorriso

lúgubre e um pedido de desculpas. Antes, porém, de o conseguir fazer, alguém veio por trás de si, pegou-a ao colo, deu meia-volta e atravessou a biblioteca em direção às escadas.

Lavinia soube instantaneamente quem era. Parth cheirava melhor do que qualquer outro homem que ela conhecia. Devia ser um sabonete importado da China, ou de qualquer outro sítio igualmente exótico.

Ela reconheceria o seu cheiro em qualquer lugar. Ele cheirava a maçãs frescas, a vento e a chuva.

Uma das razões que a levava a mostrar-se espirituosa junto dele era o facto de aquele tipo de observações tolas estarem sempre a ocorrer-lhe à mente. Imaginou o seu olhar desdenhoso, caso lhe elogiasse o sabonete.

Permaneceu em silêncio, fechou os olhos e encostou a cabeça ao seu peito largo, enquanto subiam as escadas. Não iria chorar. Nem vomitar outra vez.

Quando chegou ao quarto de Lavinia, Parth pousou-a no chão. Ela foi direito ao lavatório para lavar os dentes. Teve de se encostar pesadamente ao toucador, pois sentia-se demasiado fraca. Tentava equilibrar-se quando Parth voltou a pegar nela.

— Já não devia estar aqui — protestou ela.

Sem responder, ele carregou-a até à cama e deitou-a. Lavinia sentia a cabeça de tal forma a andar à roda que segurou a manga de Parth, como uma âncora num mundo instável. Nesse momento, apercebeu-se de que não estava apenas perturbada com as tendências criminosas da mãe, nem com a cena terrível no quarto de Parth. Nem era uma questão de excesso de queques. Estava doente, verdadeiramente doente.

Provavelmente não iria ver Parth ao pequeno-almoço, para se despedir. Pestanejou para ele e disse, com a voz rouca:

— Boa sorte com a sua senhora. Se eu soubesse, nunca teria... feito aquilo.

Ele fitou-a, com a boca num trejeito triste.

— No caminho para Londres, mandarei vir um médico de Stoke.

— Só tenho uma dor de estômago.

— Ela comeu demasiados queques — observou Lady Knowe, entrando no quarto. — A gula é o meu pecado mortal favorito. O Prism mandou um laçao ir buscar a sua criada, Lavinia.

Diana entrou logo de seguida, pousando uma mão na testa de Lavinia.

— Isto não tem nada que ver com queques; a Lavinia está com febre.

— Oh, meu Deus! — exclamou Lady Knowe, sentindo também a testa de Lavinia. — É melhor ires-te embora, Diana. Não queremos que as crianças fiquem doentes.

Sob protesto, Diana foi posta fora do quarto. Lady Knowe voltou para junto de Lavinia.

— A sua mãe está a descansar, querida, mas quer que a vá acordar?

Lavinia abanou a cabeça e estremeceu. Mesmo aquele pequeno movimento deu-lhe a sensação de que ia cair.

Depois da revelação e da subsequente histeria da manhã, Lady Gray havia tomado, certamente, uma grande dose da Fórmula Robusta do Dr. Robert. Por vezes, ninguém conseguia acordá-la durante horas.

Contra a sua vontade, uma lágrima deslizou-lhe pela face. Parth estendeu a mão e limpou-a, mas, antes de ele poder dizer alguma coisa, Lady Knowe pô-lo também fora do quarto.

— Vou dar-lhe um pouco de consolda e ela ficará sã como um pero — ouviu-a dizer no corredor.

De facto, depois de a criada de Lavinia, Annie, lhe ter banhado o rosto com um pano molhado, lhe ter vestido uma camisa de dormir e despejado um galão de chá de consolda pela garganta,

a sensação de que a sua cabeça ia explodir diminuiu, deixando espaço para o regresso do medo.

Annie baixou a luz e foi-se embora em bicos de pés. Lavinia viu-a a sair, mas de seguida a porta abriu-se e um grupo de polícias marchou quarto adentro, rodeando-a, exigindo-lhe dinheiro.

— Menina Gray — berrou um deles —, sabia que há uma horda de credores lá em baixo, na cozinha? A governanta não consegue fazer o seu trabalho; Sua Graça não terá jantar. Os bebés não têm leite quente!

No sonho, Lavinia começou a procurar a sua bolsa, para poder pagar aos credores. Não a encontrou em lado nenhum, mas fiadas de pérolas e de esmeraldas brilhavam nos cantos do quarto. Sempre que ela estendia a mão para as agarrar, transformavam-se em nada.

Com um grito rouco, julgou ter acordado, mas um momento depois perseguia febrilmente Parth pelos corredores, exigindo-lhe que casasse com ela. Parth estava de mão dada com uma mulher em camisa de dormir, ambos a rir; depois beijou-a. Lavinia permaneceu nas sombras do corredor a observá-los. Parth enrolava os dedos no cabelo da mulher do sonho, beijando-a tão docemente que Lavinia não conseguiu evitar as lágrimas que lhe escorreram pelo rosto.

Aquele sonho era tão hediondo que a fez acordar. Soerguendo-se na pilha de almofadas, usou o lençol para, tremulamente, limpar o suor da testa.

Observava, atordoada, a mobília mal iluminada do outro lado do quarto quando a porta se abriu.

— Não pode entrar no meu quarto — sussurrou ela, com a voz rouca.

Parth fechou a porta, a boca a denotar a obstinação habitual.

— Não precisa de ter medo de que eu a comprometa.

Se não lhe doesse tanto a cabeça, ela ter-se-ia rido.

— Ambos sabemos que não quer casar comigo — observou, com uma gargalhada fraca.

— Lamento, Lavinia. — A voz dele transmitia desconforto, e era a primeira vez que ela lhe ouvia esse tom. Não conseguiu pensar em nada para dizer, pelo que apenas se fitaram por um momento. — A febre baixou? — perguntou ele.

— Estou bem. Por favor, vá-se embora.

Ela desviou o olhar porque, na verdade... bem, na verdade, havia algo em Parth que a enfraquecia. Não era a largura dos seus ombros nem a força da sua presença. Era ele. O homem que cuidava de toda a gente. Os Wildes diziam frequentemente que Parth pegara na fortuna da família e mais do que a duplicara. Aquele homem de olhos castanho-escuros, que agora a fitavam silenciosamente, por mais que ela o provocasse, quaisquer que fossem os nomes que inventasse para lhe chamar.

Ele ignorou a sua ordem e, em vez de sair, serviu o chá de consolda frio num copo, obrigando-a a beber. Depois sentou-se na obscuridade. Um momento depois, pegou-lhe na mão.

— Vai dizer-me agora qual é o problema?

Lavinia conseguiu esboçar um sorriso.

— Perdi os meus queques.

Ele olhou-a nos olhos.

— Lavinia. — Outra lágrima indesejada rolou pela face dela. — Conte-me.

Como vários funcionários dele lhe poderiam ter assegurado, era preciso um coração robusto para recusar uma ordem direta de Sterling. Lavinia, sentindo a mão quente e forte de Parth, deu por si a revelar a verdade, ou pelo menos parte desta.

— Perdi o meu dote — disse, com a voz vacilante. — Simplesmente desapareceu.

— Suponho que a propriedade do seu pai não era suficiente para a sustentar a si e à sua mãe.

— Sei a que conclusão chegou. — Lavinia virou a cabeça na almofada, desejando que não lhe doesse tanto. — O meu pai não deixou dinheiro suficiente para pagar todos os meus chapéus.

A expressão dele não se alterou.

— A Lady Gray não me parece financeiramente prudente. — Aquilo era um absoluto eufemismo, mas Lavinia segurou a língua. — O mais importante — continuou Parth — é que o dote não é a razão por que tantos cavalheiros querem casar consigo, Lavinia.

— A minha mãe fez-nos mudar para Paris há dois anos porque é mais barato viver no continente. — Inspirou tremulamente. Mais uma lágrima quente rolou-lhe pela face. — Ela nunca me contou e eu não... eu não sabia.

Os dedos de Parth enrolaram-se nos dela.

— Por favor, Lavinia, não chore. Sabe que a casa do North e da Diana será sempre sua.

— Preciso de me casar — disse ela, com a voz vacilante. — Não quero... — Porém, o resto da frase perdeu-se num soluço.

Parth encostou-a ao ombro e ela chorou sobre o seu casaco, até ele se chegar para um lado da cama e a puxar para o seu colo.

— Peço desculpa — sussurrou ela alguns minutos depois, quando finalmente parou de estremecer com soluços.

— Não se preocupe — respondeu ele, a sua voz a acalmar-lhe os nervos. A sua mão grande afagou-lhe as costas. — Terá tantos pretendentes sem dote como tinha com uma suposta fortuna.

Lavinia obrigou-se a agradecer-lhe. A falta de dote podia ser aceite por alguns, mas uma mãe criminosa? Não. Manteve os olhos bem fechados e a cabeça encostada ao ombro dele.

Parth Sterling estava a assegurar-lhe que ela era desejável? Seria possível sentir-se ainda mais humilhada?

— Quando for para Londres, escolherei os melhores candidatas para lhe apresentar — acrescentou ele.

Sim, aparentemente era possível. A mortificação ardeu-lhe no corpo.

— Conheço os homens que a cortejaram até agora — prosseguiu Parth —, e fez bem em recusá-los.

Lavinia ergueu a cabeça e pestanejou para ele.

— Conhece?

— Nenhum desses homens a sustentaria da maneira a que está acostumada. — Lançou-lhe um sorriso maroto. — Oito chapéus de uma vez...

Lavinia estremeceu.

— Isso não é inteiramente justo. — A voz dela parecia muito baixa no ar quieto da noite.

O olhar negro de Parth encontrou o dela e a sua boca relaxou.

— Isto não foi um insulto, Lavinia. Não sou muito bom com piadas, mas pensei que tinha feito uma.

Ela merecia ser provocada em relação a chapéus, sobretudo depois de o ter provocado tanto.

— Bem — disse, apercebendo-se de que lhe doía a garganta e que a dor por trás dos olhos voltara —, seria muito bondoso da sua parte.

Ele assentiu secamente.

— Vou arranjar-lhe um excelente marido, que não seja imprudente nem impulsivo.

A garganta de Lavinia voltara a apertar-se, e ela mal conseguiu esboçar um sorriso. Detestou-o novamente um pouco, pelo seu pragmatismo em relação às deficiências dela. Uma fina camada de gentileza disfarçou o desdém dele. Só lhe faltara dizer que o futuro marido precisaria de ter o seu próprio banco para pagar as suas compras imprudentes.

E agora ele ia arranjar-lhe um marido?! Uma coisa era recusar a proposta dela, mas aquilo parecia uma bofetada na cara: «Não me caso consigo, mas farei o meu melhor para a impingir a outro

que a possa sustentar.» Generosidade e insulto, embrulhados juntos.

Contudo, como poderia ela recusar? O homem que Parth iria encontrar teria provavelmente o equivalente ao seu próprio banco, e um homem rico seria capaz de enterrar a verdade sobre os crimes da sua mãe.

O impulso de fúria que a percorreu apenas a fez sentir-se mais doente. Na verdade, precisava do marido que Parth lhe oferecia como substituto. Tinha sorte por contar com a ajuda dele. Pouco importava que se sentisse desgraçada.

— Tenho a certeza de que preferia estar a dormir — murmurou ela, com a voz trémula.

Parth semicerrou os olhos e segurou-a com mais firmeza, para a impedir de sair do seu colo.

— Disse outro disparate qualquer, não disse?

— Preciso de um marido. Rico. Muito rico, para me poder comprar chapéus e esmeraldas. — Oh, caramba, a febre devia ter voltado, porque sentia as palavras a voarem-lhe da boca como pequenos pardais. — Tem de gostar de mim. O dinheiro é importante, mas isso também é. Tentei dizer à Diana o que o Parth achava de mim, mas ela não quis ouvir.

O corpo dele ficou tenso debaixo dela.

— Foi a Diana que a mandou...

Ela fez um aceno com a mão livre.

— Não importa. — Observou-o sob as pestanas. Ele estava a examiná-la como se ela fosse um conjunto de números que tinha de calcular. — Não sou uma fábrica de rendas.

— Eu sei. — Um leve sorriso ergueu-lhe um dos lados da boca.

— Poucos homens conseguem fazer isso — comentou ela.

— Fazer o quê?

— Sorrir só com um lado. Se me encontrar um marido, nós os dois já não precisaremos de discutir. Discutirei antes com o

meu marido, o tal que gosta de mim. — Ele ergueu as sobrancelhas. — Calculo que nunca discuta com a Elesa — comentou ela. Depois, distinguindo algum ressentimento na sua voz, acrescentou: — O que é maravilhoso. E gosta dela!

— O nome dela é Elisa — corrigiu Parth calmamente. — Mas eu também gosto de si, Lavinia. Importa-se que lhe sinta a testa?

— Porque não? Está aqui a meio da noite. Estou sentada no seu colo... em camisa de dormir. — Uma pequena gargalhada escapou-se para o ar noturno. — Tenho a certeza de que a Diana acharia suficiente, mas estaria enganada, não é? — Parth pousou-lhe a mão na testa. — A sua mão sabe tão bem — disse ela, com um suspiro.

— Mais um pouco de chá de consolda — declarou ele, pegando na chávena. — Este está frio. Quer que peça à governanta para preparar mais um bule?

Ela rolou a cabeça para trás; parecia que esta lhe podia cair do pescoço.

— Frio é melhor.

Depois de a fazer beber duas chávenas de consolda, Parth voltou a aninhá-la nas almofadas, puxou os cobertores e sentou-se na cadeira ao lado da cama.

— Não devia estar aqui — observou Lavinia, sonolenta. — Se alguém nos vir, poderá sentir-se obrigado a casar comigo, e depois o que faz?

Ele sorriu maliciosamente.

— Caso consigo.

— O senhor está apaixonado pela Elisa — recordou-o ela. — A Diana achou que se iria apaixonar por mim, mas ambos sabemos que isso não poderia acontecer. Mas não se preocupe com isso. Serei muito, muito boazinha para o homem que... que encontrar para mim.

Ele não respondeu; voltou apenas a pegar-lhe na mão.

Pela primeira vez desde que Lady Gray anunciara o seu empobrecimento, Lavinia sentiu-se segura.

Adormeceu assim, com os dedos dele enrolados nos seus.

Mas acordou sozinha.

«Viciante! Um romance divertido
com protagonistas inteligentes e um elenco maravilhoso.»

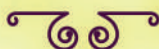
HISTORICAL NOVEL SOCIETY



Para a bela e espirituosa Lavinia Gray, só há uma coisa pior do que ter de pedir ao terrível Parth Sterling que se case com ela: ser rejeitada por ele. Mas Parth, o solteiro mais rico de Inglaterra, não se casará com uma mulher tão imprudente e obcecada pela moda quanto Lavinia; ele escolheu uma noiva muito mais adequada.

Porém, quando Parth descobre as tristes circunstâncias que levaram ao pedido desesperado de Lavinia, oferece-se para lhe encontrar um marido. Melhor ainda: ele tentará que um autêntico príncipe se case com ela. Como sempre, não há problema que Parth não consiga resolver. Mas quanto mais tempo ele passa com a sedutora Lavinia, mais ele se pergunta...

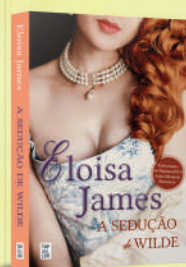
Porque é que a mulher errada fica tão bem nos seus braços?



«Sedutor, sensual e cheio de humor. Brilhante!»

LIBRARY JOURNAL

**DEIXE-SE
APAIXONAR:**



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-744-1



9 789896 687441

Ficção Romântica